Ano 3, n. 9, 2010
Seção Colunas
21/04/2011

A filosofia ajuda a literatura?

Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo é Doutor em Literatura Comparada, Professor Associado de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da UERJ e pesquisador do CNPq. Publicou doze ensaios, entre eles “A Educação pelo Argumento” e “O Livro da Metaficção”, e onze romances, entre eles “A filha do escritor” e “Nanook”. Publicou, pela editora Rocco, o livro “Conversas com um professor de literatura”, contendo 50 crônicas desta Revista Eletrônica do Vestibular da UERJ. Seu ensaio “A ficção de Deus”, publicado pela Annablume, acaba de receber o Prêmio da Biblioteca Nacional para o Melhor Ensaio Literário de 2015. Edita o site www.gustavobernardo.com, sobre as suas obras.

Literatura e filosofia são primas tão próximas que às vezes se abraçam como irmãs, mas em outros momentos brigam como gata e rata.

Um bom exemplo dessa relação conflitiva encontramos no começo da filosofia, há muitos e muitos anos: o filósofo grego Platão escrevia como um poeta dos melhores, mas ao mesmo tempo defendia que os poetas fossem expulsos da sua república ideal, por forçarem a aceitação das aparências e se renderem às paixões.

O filósofo é por definição um amante da adequação absoluta entre a palavra e a coisa □ uma rosa é uma rosa, uma cadeira é uma cadeira □, enquanto o poeta é por definição aquele que mostra que a palavra pode dizer sempre outra coisa, ou seja, que a palavra pode ser uma metáfora □ a rosa como um gesto de amor, a cadeira como um símbolo do poder. Entretanto, o mesmo rigor que leva o filósofo a procurar a adequação absoluta da palavra com a coisa o leva a perceber que esta adequação foge dele como o horizonte escapa de quem o persegue.

A literatura mostra, a filosofia investiga. Literatura e filosofia, no entanto, fazem a mesma pergunta ao mundo: por que tem de ser assim e não assado? Literatura e filosofia, ambas, evitam as certezas e os dogmas, porque se fundam sobre a pergunta. A ficção também é uma maneira de pensar, ao negar a realidade imediata para adiante recuperá-la esteticamente. A filosofia também é uma maneira de inventar a realidade, ao tirar o chão das certezas com suas perguntas.

Alguns poetas caminharam da poesia para a filosofia, como Fernando Pessoa, Rainer Maria Rilke, Machado de Assis e João Guimarães Rosa. Alguns filósofos fizeram o caminho contrário, da filosofia para a poesia, como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Vicente Ferreira da Silva e Vilém Flusser. Como parte do segundo grupo, Ludwig Wittgenstein ensinava: □convém fazer filosofia como poesia□.

Luiz Costa Lima, professor da UERJ, toca no centro do problema: □os grandes escritores podem dar a impressão de serem filósofos porque poesia □ no sentido amplo do termo □ e filosofia habitam terras vizinhas: são formas de pensar o mundo e não de operacionalizar o domínio de um certo objeto□. O centro da questão é a intenção do domínio: pensar o mundo filosófica ou poeticamente implica todo o contrário de controlá-lo. Poetas e filósofos abdicam da pretensão do controle para recuperar a sensação primordial do espanto perante o mundo e os outros.

Um dos personagens mais fortes da literatura brasileira é uma excelente representação do filósofo. Trata-se de Riobaldo Tatarana, o narrador e protagonista do épico de João Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas. Em carta para o pensador brasileiro Vicente Ferreira da Silva, Guimarães Rosa lhe pede para ler o Grande sertão menos como literatura, antes como □sumário de ideias e crenças do autor, com buritis e capim devidamente semi-camufladas□ □ ou seja, como filosofia.

O narrador Riobaldo conta sua história para alguém que não aparece nunca, apenas o escuta. Esse alguém bem pode ser o próprio leitor. Toda a narrativa de Riobaldo é atravessada pela contradição e pela pergunta. O nome do protagonista já é uma contradição: □baldo□, a parede que barra as águas de um açude como se fosse um balde, se contrapõe ao □rio□ que escorre nas páginas e na paisagem, rompe todas as barreiras e impede toda definição definitiva.

□Eu quase que nada não sei.□ É o que confessa Riobaldo, ecoando o Sócrates de □só sei que nada sei□, o Francisco Sánchez de □que de nada se sabe□ e o Michel de Montaigne da pergunta □que sei eu?□. Mas Riobaldo prossegue seu auto-questionamento, definindo numa só frase tanto filosofia quanto literatura: □Eu quase que nada não sei, mas desconfio de muita coisa□. A literatura e a filosofia, antes de mais nada, desconfiam daquilo que nos dizem que é a realidade. É duvidando sem parar que Riobaldo se assume como filósofo: □e me inventei neste gosto, de especular ideias□.

O leitor fica tão fascinado com a narrativa e as reflexões de Riobaldo que tem dificuldade de perceber que o personagem representa tanto o bem quanto o mal: afinal de contas, trata-se de um jagunço que atirava, chefiava e matava muito bem... No decorrer do romance, são duas as suas grandes dúvidas: se fez ou não fez um pacto com o Diabo; e por que um homem arretado como ele sentia amor e desejo por Diadorim, seu companheiro de armas.

Para esse companheiro, faz uma belíssima declaração: Diadorim é a minha neblina. No entanto, ele sofre por todo o romance, sem realizar esse amor tão proibido, para só no final perceber que não precisava sofrer tanto. Diadorim morre no combate com o vilão, Hermógenes, que matara o seu pai. Quando vão limpar o corpo dele para o enterro, descobrem que Diadorim era na verdade ela, isto é, que Diadorim era na verdade Maria Deodorina, a menina que sempre se vestiu de menino para seguir o pai e, mais tarde, vingá-lo. Quando a neblina de Riobaldo se desfaz, só lhe resta fazer o luto do amigo que descobria, já tarde demais, ser mulher.

O pacto com o Diabo nasce na primeira palavra do romance: nonada. Ao juntar no com nada numa só palavra, Rosa transforma uma expressão metafórica de lugar numa expressão substantiva. Nonada pode ser o Diabo ele mesmo, porque nós é que transformamos a ausência em presença e aquilo que não existe em algo mais forte do que tudo o que exista. Não há nada. Ou, dizendo de outro modo: só há, para nós, o que decidimos que existe. Deste modo, a ficção se torna mais forte e mais clara do que a realidade, porque desta é que sabemos muito pouco, literalmente quase nada.

O escritor sempre se mostrou um filósofo da linguagem, como ao dizer que o idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas, ou que somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo. Escrever, para ele, era o único meio de realizar a essência, isto é, a língua calada dentro da gente. A palavra, como o Diabo, tem rabo: dificultoso, mesmo, é um saber definir o que quer, e ter o poder de ir até o rabo da palavra.

O Diabo também é o outro nome da obscuridade necessária, do enigma que precisa permanecer enigma. Guimarães Rosa defendia que as traduções de seus livros mantivessem as passagens obscuras: antes o obscuro que o óbvio, que o frouxo. Precisamos também do obscuro. Em outras palavras, as minhas: precisamos proteger o enigma e não resolvê-lo, justamente para preservarmos o espanto que nos garante que estamos vivos.

É essa coragem de encarar o enigma e o nada, típica da filosofia, que autoriza Riobaldo a dizer que a natureza da gente não cabe em nenhuma certeza e que, tanto quanto o Diabo, Deus existe mesmo quando não há. Riobaldo fala como outro filósofo, Miran Bozovic, que afirmava: amamos Deus precisamente porque Ele não existe. Se amamos sobretudo o que nos falta e não há, antes de mais nos faltam as certezas e as respostas.

O Diabo é a pergunta, ou seja: tudo o que queremos saber.

Deus é a Resposta, ou seja: tudo o que não sabemos.

Ou ainda e melhor, na fórmula delicada da escritora Adriana Lisboa: o amor é uma dúvida. Como Deus.